

Diáspora, ancestralidade e o legado de Lima Barreto¹

Imprensa e políticas de esquecimento

Diaspora, ancestry, and Lima Barreto's legacy

Press and forgetting policies

Marialva Barbosa

Professora Titular da Escola de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do CNPq. Autora de História Cultural da Imprensa, em dois volumes; Os Manuscritos do Brasil e História da Comunicação no Brasil, entre outros. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

Resumo

O artigo procura demonstrar como Lima Barreto destacou em sua obra a questão dos preconceitos a que esteve submetido enquanto viveu, em função de sua condição de raça e classe. Por meio de vestígios da imprensa da época (1910–1922), mostra também como os jornais submeteram o escritor, no período, a uma cruel política de esquecimento e, sobretudo, de desqualificação. Ademais, busca, seguindo a trajetória de vida de Lima Barreto, responder à pergunta: o que era ser um intelectual negro, morador do subúrbio, sem carregar nenhum dos itens da distinção necessária aos letrados do período, há menos de duas décadas do fim da escravidão? O artigo presta ainda uma homenagem ao escritor, pois em 2022 ocorre o centenário de sua morte.

Palavras-chave: Lima Barreto. Raça. Imprensa. Rio de Janeiro.

¹ Palestra realizada no evento Centenário de Lima Barreto. 100 anos de Encantamento!, realizado em 5 de novembro de 2022, na Livraria Lima Barreto, Rio de Janeiro (RJ), promovido pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pela Livraria Lima Barreto.

Abstract

The article seeks to show how Lima Barreto highlighted in his work the issue of prejudice to which he was subjected while alive, due to his race and class condition. Through the search for traces of the press of the time (1910-1922), it also shows how the newspapers subjected him, in the period, to a cruel policy of forgetting and, above all, disqualification. It also seeks, following Lima Barreto's life trajectory, to answer the question: what was it like to be a black intellectual, living in the suburbs, without carrying any of the items of distinction necessary for the literate of the period, less than two decades of the end of slavery? The article seeks to pay tribute to the writer, when, in 2022, the centenary of his death occurs.

Keywords: Lima Barreto. Race. Press. Rio de Janeiro.

Resumen

El artículo busca mostrar cómo Lima Barreto destacó en su obra la cuestión de los prejuicios a los que fue sometido en vida, por su condición de raza y clase. Por medio de la búsqueda de huellas de la prensa de la época (1910-1922), muestra también cómo los periódicos lo sometieron, en la época, a una cruel política de olvido y, sobre todo, de descalificación. También busca, siguiendo la trayectoria de vida de Lima Barreto, responder a la pregunta: ¿Cómo era ser un intelectual negro, viviendo en los suburbios, sin portar ninguno de los elementos de distinción necesarios para el letrado de la época, menos de dos décadas del fin de la esclavitud? El artículo busca rendir homenaje al escritor, cuando, en 2022, se cumpla el centenario de su muerte.

Palabras clave: Lima Barreto. Raza. Prensa. Río de Janeiro.

Introdução

Quando Lima Barreto completou, em 13 de maio de 1888, sete anos, foi levado pelo seu pai para ver os festejos que tomaram conta do centro do Rio de Janeiro (RJ) no dia em que oficialmente se decretou o fim da escravidão no Brasil. Nas suas memórias fixadas na crônica "Maio", publicada na *Gazeta da Tarde*, em 4 de maio de 1911, descreve o que significou esperar, com o pai, a assinatura da lei no Largo do Paço:

Na minha lembrança desses acontecimentos, o edifício do antigo paço, hoje repartição dos Telégrafos, fica muito alto, um *sky scraper*; e lá de uma das janelas eu vejo um homem que acena para o povo. Não me recordo bem se ele falou e não sou capaz de afirmar se era mesmo o grande Patrocínio. Havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles milhares de pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenço, vivas... (BARRETO, 1956, p. 255-258).

Continua sua narrativa, com base nas lembranças fixadas nas fímbrias de sua memória, recordando o tempo que fazia, os festejos que se seguiram nos dias subsequentes e a missa campal no Campo de São Cristóvão. Ele também esteve lá, mais uma vez levado pelo pai:

Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia. Houve missa campal no Campo de São Cristóvão. Eu fui também com meu pai; mas pouco me recordo dela, a não ser lembrar-me que, ao assisti-la, me vinha aos olhos a “Primeira Missa”, de Vitor Meireles. *Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez...* (BARRETO, 1956, p. 255-258, grifo meu).

Começo estas breves reflexões mostrando as duas imagens que ficaram fixadas na retina do menino (Figuras 1 e 2), de tal forma que 23 anos depois o agora jovem foi capaz de descrever com precisão os detalhes daquele dia, que se referia a um tempo de subjugação e que precisava ficar para trás, mas não ficou.



Fonte: Coleção Gilberto Ferrez. Brasileira Fotografia Digital. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/6963>. Acesso em: 28 outubro 2022

Figura 1 – Assinatura da Lei Áurea no Paço Imperial



Fonte: Brasileira Fotografia Digital. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/1795>. Acesso em: 28 outubro. 2022.
Figura 2 – Missa campal celebrada em ação de graças pela abolição da escravidão no Brasil.
Brasileira Fotográfica Digital (IMS).

Marcado durante toda a vida pela sua condição histórica de raça e de classe, Lima Barreto foi transformado do passado ao presente num *outsider*, num escritor marginal, num esquecido das tramas distintivas do que deveria ser um literato no início do século XX. O esquecimento quase por completo do centenário da sua morte (que esse evento não deixou de todo ser encoberto por camadas de múltiplas e duradouras exclusões)² mostra que continua sendo, cem anos depois, um heterodoxo da literatura, a quem seus pares recusaram a distinção.

Carregava no seu corpo e na sua condição histórica a experiência do deslocamento: morador das ruas enlameadas dos longínquos subúrbios, não era bem-visto nos círculos nobres da cidade, qualificado claramente nos periódicos por seus vícios boêmios, sua embriaguez, que sobressai nas descrições de maneira muitas vezes metafórica, ainda que se perceba que, de fato, não se queria acobertar o que era considerado o mais inominável de seus muitos desvios.

É essa experiência do deslocamento, tão presente na vida (e na morte) de Lima Barreto que permite aproximar, no título desta apresentação, diáspora e ancestralidade. Carregando no corpo a sua condição negra em anos tão próximos ao fim da escravidão, que ele mesmo presenciou diante do paço

² Diz o articulista Farias (2022): “Nenhum planejamento de festejos à vista – seja por meio de exposições ou de seminários, não há nenhuma homenagem cívica nos subúrbios cariocas, onde ele viveu e morreu”.

naquela tarde de sol, vivia na cidade em que nascera (e iria morrer) cotidianamente a experiência do deslocamento, em função de uma ancestralidade histórica presente na sua condição de negro. O que era ser um intelectual negro, morador do subúrbio, sem carregar nenhum dos itens da distinção necessária aos letrados do período, há menos de duas décadas do fim da escravidão?

Diáspora aparece aqui pontuada, portanto, como condição, ou seja, tal como indica Stuart Hall (2003), como deslocamentos que caracterizam a condição histórica e político-cultural de muitas sociedades. Uma condição diaspórica, como lembra igualmente o autor, é marcada pelo hibridismo, pela tradução ou dupla textualidade.

A África como metáfora da ancestralidade histórica da experiência do deslocamento revela permanentemente o que o Ocidente moderno negou e nega, reprimiu e reprime, instituindo uma permanente posição de subalternidade associada a um passado que não passa nunca, mas que precisa passar. A memória da África que vem sendo sistematicamente reconfigurada na contemporaneidade teve e tem a potência, pontuada por Stuart Hall (2003), de colocar por terra os imaginários nacionais construídos pela violência colonial, interrompendo a imagem de uma modernidade ocidental e hegemônica.

Ao relacionar intrinsecamente ancestralidade à noção de tempo, Kabengele Munanga (2008) afirma que a questão da relação com o tempo imemorial está presente em todas as culturas africanas, sendo o ancestral nada mais que um criador:

Em várias sociedades africanas há uma relação de força vital, que chamamos de axé, essa força vital tem uma dinâmica, essa força vital pode crescer como pode diminuir [...] são sociedades compostas dos mortos, que fazem parte dessa ancestralidade, e dos vivos. Tudo que existe está em torno dessa união, dessa integração entre vivos e mortos, os ancestrais (MUNANGA, 2008 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 201-202).

Estamos, portanto, utilizando ancestralidade como conceito operativo que reconhece o instante fundacional das culturas africanas, cuja força vital fornece a liga conformadora dos que se veem como iguais, podendo se expressar, como no caso de Lima Barreto, por uma espécie de revolta primordial, aliada e presente na arte que produz. Uma força operativa que liga vivos e mortos. Nesse sentido, a temporalidade do passado, manifestada em falas testemunhais duradouras, faz eclodir sua condição histórica e sua condição diaspórica no contexto da escravidão brasileira.

A ancestralidade evidencia também que, depois e apesar da morte, permanece uma ordem significativa que se estende ao sem-fim, ao infinito. Assim, a morte abre a dimensão do futuro. Essa obrigação para além da morte é o sentido original do futuro. Este, por conseguinte, carrega uma significação imperativa: nele não há indiferença ao outro. É o devotamento ao outro que permite ao Eu ser lançado ao infinito.

Colocado à margem

Olhando as páginas de alguns dos jornais diários do Rio de Janeiro, de 1910 a 1922, pode-se, nesses 12 anos, acompanhar, pelos vestígios deixados de maneira esparsa, a vida vivida de Lima Barreto. Brechas de textos vão contando uma história com começo, meio e fim³.

Tais vestígios aparecem, pela primeira vez, quando Lima Barreto ingressou na Escola Politécnica: lá está o anúncio de sua aprovação e de seu ingresso. Depois, por dois anos consecutivos, vemos as suas aprovações nas diversas disciplinas anunciadas nas pequenas letras em colunas sem destaque em que se publicava a listagem dos movimentos das escolas. Chama atenção o fato de as aprovações serem simples, sem maiores distinções ou reconhecimentos, expressas quase sempre em relação a outros alunos.

Depois de breve hiato, seu nome apareceu como aprovado no concurso para ingresso no Ministério da Guerra. Entremeando essas notícias, há a informação de que outro Lima Barreto, seu pai, havia sido licenciado por doença. Na sequência a notícia da sua aposentadoria de forma definitiva.

Mesmo sem ter conhecimento da sua história, tão bem construída pelo seu biógrafo⁴ Francisco de Assis Barbosa (2017), podemos ir remontando, como num quebra-cabeça, sua vida em pílulas de letras impressas nos periódicos de outrora. Coincidindo com sua entrada no serviço público, surgiu a pequena nota da publicação de seu primeiro livro: *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

O livro não é bem recebido, já que produz uma crítica virulenta contra um dos mais populares periódicos da cidade, o *Correio da Manhã*, de propriedade do advogado Edmundo Bittencourt, que mantinha estreitas relações pessoais e comerciais com o não menos poderoso Ruy Barbosa. O nome de

³ Este breve exercício foi feito utilizando os recursos de busca da Hemeroteca Digital Brasileira (<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>), colocando “Lima Barreto” como termo específico da procura nos periódicos, de 1910 a 1919. Priorizou-se o acompanhamento nos jornais *O Paiz* e *Gazeta de Notícias*. De 1920 a 1922, esparsamente, identificaram-se as ocorrências em outros dois periódicos, *A Noite* e *Correio da Manhã*.

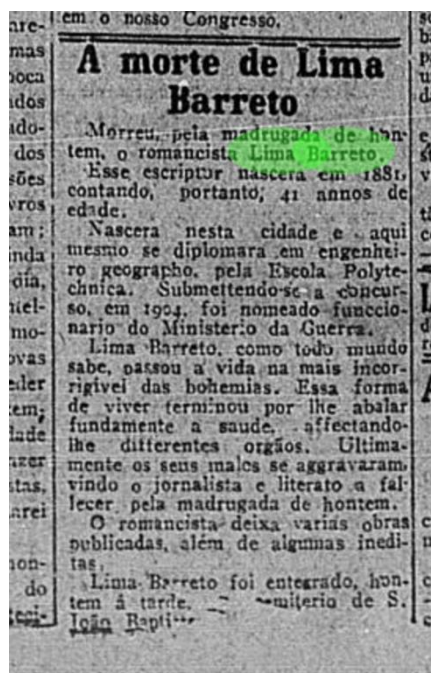
⁴ A primeira edição da biografia foi publicada pela editora José Olympio, em 1952.

Lima Barreto foi parar no *index* da imprensa; não era mais permitido se referir a ele. *O Globo*, como Lima Barreto chamou o jornal de Bittencourt, procurando propositalmente, de maneira canhestra, encobrir o alvo da sua crítica, era apresentado como um antro de jornalistas pouco éticos, sendo seu proprietário caracterizado como uma espécie de escória humana. Não poderia acontecer outra coisa a não ser a inclusão do escritor jornalista numa espécie de *index* do esquecimento a que deveria ser submetido por toda a imprensa.

A partir daí, começaram as suas dificuldades. Lima Barreto só conseguiu escrever para jornais menores, já que seu nome fora banido do grande jornalismo. Assim, não chegou a causar estranhamento a maneira como o *Correio da Manhã* noticiou sua morte, numa pequena nota, sem maior destaque, no rodapé da página 3. “A morte de Lima Barreto” era o título do texto, que dedicava mais argumentos para criticar a vida desregrada do escritor, o que fazia prever sua morte iminente, do que para noticiar o falecimento.

Depois de informar que o escritor era funcionário do Ministério da Guerra (Figura 3), acrescentava:

Lima Barreto, como todo mundo sabe, passou a vida na mais incorrigível das boêmias. Essa forma de viver terminou por lhe abalar profundamente a saúde, afetando-lhe diferentes órgãos. Ultimamente os seus males se agravaram, vindo o jornalista e literato a falecer na madrugada de ontem (CORREIO DA MANHÃ, 1922, p. 3, grifo meu).



Fonte: Correio da Manhã (1922, p. 3)

Figura 3 – “A morte de Lima Barreto”, em *Correio da Manhã*

Quatro anos antes, quando da publicação de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, pela primeira vez, uma menção maior ao nome Lima Barreto teve lugar na imprensa. Na popular coluna “Binóculo”, de Figueiredo Pimentel (1916), foi publicado, sob a forma de carta recebida, um elogio ao novo livro do escritor. Todavia, os elogios foram completados por críticas ao comportamento do literato, que, segundo o pretense autor, não seria conhecido nem teria o reconhecimento de seus pares por se colocar distante das altas rodas sociais. Seu comportamento e seu alcoolismo apareceram com crueldade referidos no texto.

Qualificado logo de início como um “cavaleiro terrível”, mas que “apesar de tudo era originalíssimo” (PIMENTEL, 1916, p. 5), o missivista desconhecido acrescentava, na sequência, ser o livro *Policarpo Quaresma* “admiravelmente bem-feito, caricatura real e habilíssima deste aglomerado tumultuoso que é a nossa sociedade” (PIMENTEL, 1916, p. 5). Embora enumere todas as qualidades (“linguagem corrente, fácil, natural, compreensível, prende a atenção, delícia, subjuga ao ponto de não haver quem o leia que não se sinta impressionado”), anota que “ninguém falou deste belo romance” (PIMENTEL, 1916, p. 5). E se pergunta: por quê?

Porém compreendo, ou melhor, adivinho o motivo deste silêncio. O autor do “Policarpo Quaresma” é uma figura original, *não tem a habilidade de cumprimentar certos cavalheiros na rua, é inédito nos chás elegantes da “Lallet”, ignora as recitas do Municipal durante a “season”, não faz o “footing”, não usa monóculo e, afirmam as más línguas, tem pelo líquido que alagou a terra no tempo de Noé, uma sincera e respeitosa aversão. Diógenes, no entanto, que poderia chamá-lo duplamente colega, gozava na sociedade ateniense de maior respeito e de melhor aceitação. [...] Se assim é, se assim há de ser, então, antes seria melhor que o Sr. Lima Barreto, fosse ao “footing”, ao Municipal, ao Assírio, ao Pavilhão de Regatas, a “Lallet”, ao Jóquei, a toda a parte onde “s’amuse”, tivesse ademais perfeitos, fosse distinto, fosse discreto, fosse elegante e, sobretudo, possuísse aquele prodigioso dom que nos dá, hoje, o sucesso na vida – a mediocridade. E se assim fosse, minha amiga estou certa de que o autor do Policarpo Quaresma seria um triunfador, “sous la coupole” (PIMENTEL, 1916, p. 5, grifos meus).*

Ainda que na cruel crítica destinada a Lima Barreto, ao ser qualificado como irascível, antissocial e, sobretudo, alcoólatra, não haja referência explícita à sua condição de cor, a exclusão que sofrera pelo meio literário e pelos grupos dominantes na sociedade deixa antever que era a sua origem primordial – neto de escravizados e filho de um operário negro – que o colocava naturalmente no lugar dos que deviam ser excluídos. A exclusão perversa da pobreza acompanhava os negros numa sociedade escravista há quatro séculos.

Outros textos justificando a espécie de “esquecimento natural” que havia em relação ao escritor, em razão de uma culpa original sua, na medida em que era “hostil e boêmio”, se sucederam na imprensa.

Mesmo quando o propósito era elogiar a obra do literato, a crítica à sua conduta pessoal fez dele definitivamente alguém que não devia ser visto pela sociedade. Existia um esquecimento deliberado, mesmo durante sua vida.

Em 14 de junho de 1916, Lima Barreto apareceu pela primeira vez com destaque na *Gazeta de Notícias* numa crítica literária, sob o título “Lima Barreto – Triste fim de Policarpo Quaresma”. O autor da crítica, que afirmava já ter escrito, sete anos antes, a propósito do primeiro livro do escritor, agora repetia todos os elogios à nova obra, entretanto estranhava e, ao mesmo tempo, tentava explicar as razões do esquecimento de Lima Barreto como literato e certa aversão que observava na sociedade em relação a ele. Destacava também outra crítica recorrentemente feita pelos seus contemporâneos: o pouco cuidado com o ato da escrita, que trazia para a obra erros que, no caso de Lima Barreto, eram sempre imperdoáveis:

E é realmente lamentável que para um escritor da ordem do Sr. Lima Barreto não haja um lugar entre nós. *O meio hostil, o seu temperamento de boêmio, ressentimentos pessoais, agravos recebidos, agravos feitos, mesmo as injustiças que o cercam*, obrigam-no a produzir a largos intervalos, sem desejo de uma obra perfeita, *sem o cuidado da forma*, independente da qual nada substituirá e, a sua ironia, faltando muitas e muitas vezes, o vivo sentimento de superioridade que a turma mais perfeita, a mais justa, a mais infalível das armas como que um artista se pode vingar da indiferença de seus contemporâneos (TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, 1916, p. 2, grifos meus).

A boemia, a embriaguez, a falta de cuidado com a aparência, o seu sarcasmo e o desprezo por certo tipo de jornalismo faziam com que o silêncio sobre Lima Barreto se tornasse cada vez mais ensurdecador. Apesar disso, eram obrigados a reconhecer seu talento:

Figura detestável! Os burgueses desprezam-no por sua boemia. Os escritores de fardões odeiam-no pela sua verve, pelo sarcasmo do seu espírito e porque, sobretudo o seu colarinho não tem a alvura imaculada dos lírios, os jornalistas, afinando pelo mesmo diapasão, não perdoam que um homem com tais qualidades não venha se amarrar ao lado deles, para traduzir telegramas ou fazer reportagens de polícia. E vingam-se com o silêncio [...]. E todavia, os seus livros marcam a existência de um escritor que, como poucos na nossa terra, apresenta traços de tanto relevo e tão funda originalidade (*Gazeta de Notícias*, 2 jan. 1918, p. 6).

Lançado ao infinito

O maior destaque que Lima Barreto ganhou nas páginas dos jornais veio no dia seguinte ao da sua morte. “Lima Barreto”, estampa, em manchete, o jornal *A Noite* de 2 de novembro de 1922, para na sequência explicar: “A morte desse observador admirável da vida do nosso Rio de Janeiro. O que foi a sua vida boêmia e a sua grande obra de tecelão de romances vivos” (A NOITE, 1922) (Figura 4).



Fonte: A Noite (1922, p. 1)

Figura 4 – A morte de Lima Barreto na primeira página

Cinco dias depois, o mesmo jornal publicou um texto assinado por A. J. Pereira da Silva sob o título “Lima Barreto”, descrevendo a ida do articulista à casa do escritor logo após a notícia de seu falecimento:

Domingo chuvoso. Chuvoso e mais sóbrio por ser Dia de Finados e os vivos comemorarem tão ruidosamente os mortos. Depois que li, cedo, a notícia da morte súbita de Lima Barreto saio a procura da sua casa nos subúrbios, rua Mascarenhas, Todos os Santos, número incerto. No bonde, a azafama de passageiros apressados com ramos de flores baratos caminho do cemitério de Inhaúma. [...] Chovia sempre e havia já uma hora me molhava (SILVA, 1922).

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed49.2023.320>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 23, Nº 49, p.5-20, jan./abr. 2023

Entrou, então, na casa na companhia de um homem desconhecido que também fora prestar as últimas homenagens ao escritor: “E ali esteve com as poucas pessoas que encontrara, velando o corpo durante algum tempo” (SILVA, 1922, p. 2). No mesmo texto, há uma quase indecifrável referência aos racismos que Lima Barreto sofrera durante sua existência, que aparecem, apenas pelas brechas, nos jornais. Ao fazer alusão à irmã do escritor, que viera à porta receber os visitantes, Silva (1922, p. 2, grifos meus) escreveu:

Só ela sabia a significação daquele sorriso inconformista do homem que a vida desencantou desde a primeira juventude, revoltando-o por hábitos, gestos, *palavras e atitudes contra os preconceitos injustos, as ideias hostis*, a ambição cega, a inveja subterrânea e *os sentimentos e ressentimentos mesquinhos dos outros homens*.

Se a imprensa da época não conseguia (ou não desejava) lançar luzes sobre as injúrias raciais que acompanharam sua trajetória, segundo afirma Joel Rufino (2014, p. 160) na obra em que dedica especial atenção aos intelectuais negros de sua mais profunda afeição, entre eles Lima Barreto, a questão racial aparece nos 17 livros que este escreveu.

Rufino (2014) insere, não por acaso, Lima Barreto no item que identifica no seu livro como “Intelectual entre os pobres”, ao lado de Cipriano Barata, Abreu e Lima e Mario de Andrade. Para Rufino (2014, p. 142), o fato de ser negro tornou Barreto “melhor resolvido como intelectual do que os outros”. É uma das poucas argumentações de que discordo de Rufino, por ter, precocemente, abdicado (ou ter a ele imposto a abdicacão?) “de representar, como intelectual, a reta inteligência, o superior conhecimento da vida” (RUFINO, 2014, p. 142).

De fato, Lima Barreto viu desde cedo, sobretudo por ser negro e pobre (ainda que a questão da sua exclusão, por ser negro, fosse escamoteada nas manifestações do seu tempo, nas referências a ele), que não poderia ter lugar no cenário literário nacional. A ele já estava predestinado o papel de fracassado, de alcoólatra, de irresponsável, de uma espécie de literato, apesar de tudo... Nunca alcançou prestígio intelectual; a ele foi imposto sempre o rótulo de desclassificado e desqualificado e, como tal, foi alijado, qualificado como “figura detestável”, entre outros adjetivos, sempre no sentido de desqualificá-lo em todas as frentes.

Não seria o “sumário de fracassos”, identificado por Rufino (2014), em relação à vida de Lima Barreto, decorrência do lugar em que fora colocado desde cedo por ser preto e pobre?

A vida de Lima Barreto foi, com efeito, um sumário de fracassos. Se presumia inteligente, mas levou diversas bombas na Politécnica; se imagina brilhante, mas nunca passaria de amanuense na Secretaria de Guerra; se julgava com direito a morar na Zona Sul e se casar com mulher branca, mas acabou num subúrbio de lama e mato atrelado a um pai demente; se imaginou um imortal das letras, mas foi, de fato, benquistado pela confraria dos botequins – a Academia sequer lhe considerou a candidatura (RUFINO, 2014, p. 147).

Todavia não há dúvida de que ele se enxergava como negro: “Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho 22 anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade” (BARRETO, 2006, p. 16).

Em outra data, as anotações transcritas no mesmo *Diário Íntimo* (2006) retomam a questão, dando mais detalhes de como pretendia construir o que chamaríamos hoje de “romance histórico” sobre a escravidão:

Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia. Amimará um drama sombrio trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão (BARRETO, 2006, p. 75).

Queria que esse livro fosse, “se eu puder ter uma”, a sua “obra-prima”. Mas teve medo...

Essas ideias que me perseguem de pintar e fazer a vida escrava com os processos modernos do romance, e o grande amor que me inspira –pudera! – a gente negra virá, em prevejo, trazer-me amargos dissabores, desconposturas, que não sei se poderei me por cima delas. Dirão que é o negrismo, que é o novo indianismo, e a proximidade simplesmente aparente das coisas turbará todos os espíritos em meu desfavor; e eu, pobre, sem fortes auxílios, com fracas amizades, como poderei viver perseguido, amargurado debicado? (BARRETO, 2006, p. 75-76).

Apesar do desejo nunca realizado, pelas razões apontadas pelo próprio Lima Barreto, nas quais sobressai o medo das injúrias que sofreria, é possível ver em vários trechos de sua obra os preconceitos raciais que a ele eram frequentemente dirigidos. Aos 27 anos, desabafa:

Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contato pleno com meninas aristocráticas. Na prancha, ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me. Encontrei Juca Floresta. Fiquei tomando cerveja na barca e saltei. *É triste não ser branco* (BARRETO, 2006, p. 129, grifo meu).

Ainda no seu *Diário Íntimo* (2006), relata o dia em que, no corredor do Ministério da Guerra, onde trabalhava, um soldado se dirigiu a ele perguntando se era contínuo:

Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume [...] porque então essa gente continua a me querer contínuo, por quê? Porque... *o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram estou condenado a ser sempre tomado por contínuo*. Entretanto não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande (BARRETO, 2006, p. 39, grifo meu).

Joel Rufino (2014) também lista vários momentos em que questões que angustiavam Lima Barreto aparecem, tendo lugar de destaque a questão racial, valendo-se de argumentos científicos (desmontando os que faziam dos critérios de mensuração craniana a prova da inferioridade dos negros, tão em voga nas teorias lambrosianas, por exemplo) e suspeitando também dos juízos, baseados, segundo Barreto, na nulidade, que afirmam de antemão a inferioridade dos negros. Alegrou-se por poder contestar, “atirar sarcasmos à soberbia de tais sentenças, que me fazem sofrer desde os 14 anos” (BARRETO, 2006, p. 110). Na sequência decreta: “Não pararei nunca, não me deterei; nem a miséria, nem as perseguições, as descomposturas me deterão. Sacudi para longe o fantasma do Medo: sou forte, penso tenho coragem... Nada! Nada! Nada! (BARRETO, 2006, p. 111).

No seu livro de estreia, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, são incontáveis as referências explícitas que faz às discriminações que sofria e às exigências que deveria cumprir para tornar-se branco e só assim tentar ocupar um lugar distintivo na sociedade: “Ah! Seria doutor! Rasgaria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante da minha cor” (BARRETO, 1995, p. 53, grifo meu).

Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem a trazer-me o troco reclamei: Oh! Fez o caixeiro indignado e em tom descabido. Que pressa em você?! [...] Ao mesmo tempo a meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi presenteiramente entregue. *O contraste feriu-me*, e com os olhares que os presentes me lançaram mais cresceu a indignação (BARRETO, 1995, p. 60, grifo meu).

Lima Barreto tinha clareza da discriminação pelo fato de cotidianamente viver e sofrer com ela:

Para ele, como para toda a gente mais ou menos letrada do Brasil, os homens e mulheres do meu nascimento são todos iguais, mas iguais ainda que os cães das suas chácaras. *Os homens são uns malandros, planistas, parlapatões quando aprendem alguma coisa, fósforos dos politicões; as mulheres (a noção é mais simples) são naturalmente fêmeas* (BARRETO, 1995, p. 274, grifo meu).

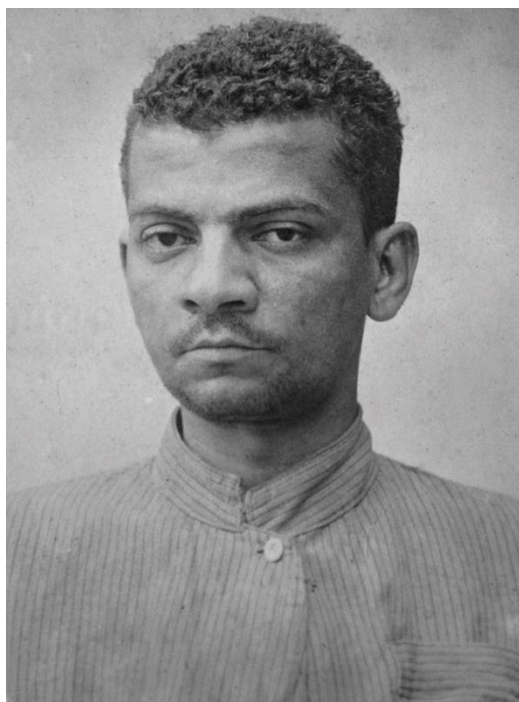
Com importante conclusão que destaca as especificidades do tempo histórico em que os homens vivem e constroem suas existências, Rufino (2014, p. 168-169) afirma que Lima Barreto, “ao se posicionar sem rodeios como negro, compreendeu, ao mesmo tempo, a especificidade e a essencialidade da contradição daquela sociedade em mudança”. “Mas, aquela transição, todavia não se completou”, explica lucidamente; “e a componente racista, longe de desaparecer, se acentuou. Lima Barreto parecerá, por isso mesmo, algo, profético, mas não, é apenas atual. Ele não estava à frente: o Brasil é que não passou à frente” (RUFINO, 2014, p. 168-169).

Em um dos últimos escritos, datado de 5 de setembro de 1917, Lima Barreto descreve com tintas dramáticas os males que afligiam seu corpo e sua alma. Andando “porco, imundo” pelas ruas da cidade, de “bebedeira sobre bebedeira”, sentia-se mal (Figura 5). De volta, “os incômodos do pai, junto aos meus desregramentos”, tornavam “a sua estada em casa impossível”:

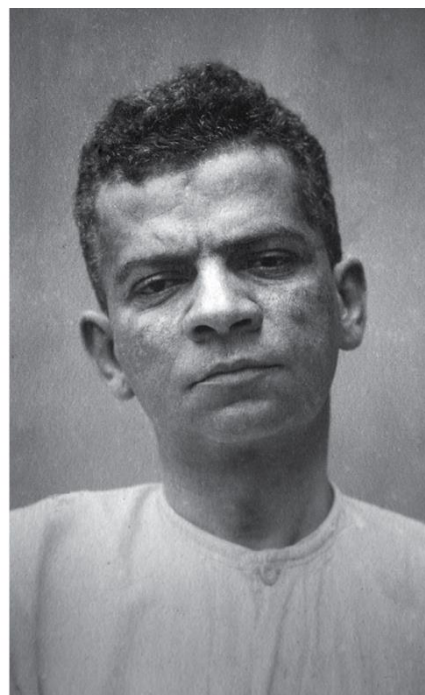
No dia 30 de agosto de 1917, eu ia para a cidade, quando me senti mal. Tinha levado todo o mês a beber, sobretudo parati. Bebedeira sobre bebedeira, declarada ou não. Comendo pouco e dormindo sabe Deus como. Andei porco, imundo.

la para a cidade, quando me senti mal. Voltei para casa, muito a contragosto, pois o estado de meu pai, os seus incômodos, junto aos meus desregramentos, tornam-me a estada em casa impossível. Voltei, porque não tinha outro remédio.

Deitei-me, vomitei e andava com fluxo de sangue que me levava à latrina frequentemente. Numa das vezes em que fui, cai e fiquei como morto [...]. Chamaram médico, o Caire, estudante do meu tempo; e eu estou sofrendo a medicação mais penosa que me podia ser imposta. Estou em dieta de fruta e água de arroz, pois o meu organismo tem *déficit*. Se não deixar de beber cachaça, não tenho vergonha. Queira Deus que deixe (BARRETO, 2006, p. 198-199).



A



B

Fonte: Barbosa (2017)

Figura 5 – Lima Barreto: fotografias do livro de registros do Hospital Nacional de Alienados, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1914. Reprodução de Bira Soares

Três anos depois dessa dramática descrição, Lima Barreto morreria. Ou melhor, seria lançado ao infinito. Se compreendermos que os mortos fazem parte da união primordial da ancestralidade, constituindo, com os vivos, o mesmo mundo, reconheceremos também que a literatura de Lima Barreto, revoltada contra as injustiças que perduram no tempo, continua existindo entre nós como força vital.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed49.2023.320>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 23, Nº 49, p.5-20, jan./abr. 2023

Lima Barreto, ao ser lançado ao infinito, constitui força operativa que permite que o passado figure como presente por meio de testemunhos duradouros. Nesses testemunhos a presença de vozes nos lembra todos os dias de que é necessário que todos façam da escravidão um “acontecimento incontornável”, tal como qualifica Didi-Huberman (2017), de tal forma que a transformação venha das revoltas, dos testemunhos, da consciência da opressão presente também em muitos dos que vieram antes de nós. E Lima Barreto foi um deles.

Marialva Barbosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8875-7128>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Doutora em História (UFF)

E-mail: marialva153@gmail.com

Recebido em: 15 de novembro de 2022.

Aprovado em: 15 de janeiro de 2023.

Referências

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto: 1881-1922**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BARRETO, Lima. **Diário íntimo**. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro, 2006. *E-book*.

BARRETO, Lima. **Feiras e mafuás**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivo Isaiás Caminha**. São Paulo: Ática, 1995.

CORREIO DA MANHÃ, 3 nov. 1922.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo**. Lisboa: Orfeu Negro, 2017.

FARIAS, Tom. Lima Barreto, o cavaleiro andante da literatura brasileiro foi esquecido. **Folha de S.Paulo**, 11 out. 2022.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed49.2023.320>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 23, Nº 49, p.5-20, jan./abr. 2023

GAZETA DE NOTÍCIAS. 2 jan. 1918, p. 6.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

LIMA BARRETO. **A Noite**, p. 1, 2 nov. 1922.

LIMA BARRETO – TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA. **Gazeta de Notícias**, 14 jun. 1916.

MUNANGA, Kabengele. **Entrevista aberta concedida a Julvan Moreira de Oliveira**. São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. **Africanidades e educação: ancestralidade, identidade e oralidade no pensamento de Kabengele Munanga**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PIMENTEL, Figueiredo. Binóculo. **Gazeta de Notícias**, p. 5, 29 abr. 1916.

RUFINO, Joel. **Épuras do social: como podem os intelectuais trabalhar para os pobres**. São Paulo: Global, 2014.

SILVA, A. J. Pereira da. Lima Barreto. **A Noite**, 7 nov. 1922.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.